

“... QUE A ÍNDIA TAPANHUMAS PARIU UMA CRIANÇA FEIA”:  
MÁRIO DE ANDRADE E A ‘PENSAMENTEACÃO’ DO BRASIL

Sheila Praxedes Pereira Campos (UFRR/UFF)

RESUMO: Mário de Andrade, ao escrever “Dois poemas acreanos” em 1925 (publicados em 1927, em **Clã do Jabuti**), Minas Gerais havia sido o destino mais afastado de São Paulo para o qual ele tinha viajado. Com sua declarada “fome pelo Norte”, é somente em maio de 1927 que ele embarca rumo a uma região até então conhecida apenas de relatos e do “ouvir falar”. É assim que **Macunaíma**, já em sua segunda versão de escrita, segue na bagagem de seu “pensamenteador” rumo à Amazônia onde nasceu, nos mitos narrados pelos indígenas e registrados por Theodor Koch-Grünberg. O “pensar por tabela”, exercício praticado por Mário para entender a priori um Brasil tão disperso geograficamente, dilui-se em contato com a realidade e, para além de reforçar e afirmar imagens e cenários já manipulados sob a égide do exótico, ele desfaz a separação territorial em **Macunaíma**, já que insistir no regionalismo seria dar ênfase às diferenciações e ao exótico, o que seria danoso e “desintegrante da ideia de nação e sobre este ponto muito prejudicial pro Brasil já tão separado”, como afirma em carta a Câmara Cascudo. Ao entender Macunaíma não como “expressão”, mas como “sintoma” da cultura brasileira, Mário o destitui de um caráter, tornando-o plural, uma espécie de palimpsesto, no sentido de que as diferenças agregam. Essas diferenças, percebidas in loco, adquirem materialidade em suas duas viagens ao norte e nordeste, cujas impressões publicadas em jornais e revistas são trazidas à luz em **O turista aprendiz** (1976), organizado por Telê Ancona Lopez (IEB/USP). É a Amazônia que Mário encontra em 1927, durante o engendramento e “possessão preparada” de seu Macunaíma ainda na mala, que lhe vale como ponto mais representativo das potencialidades de um Brasil projetado.

**Palavras-chave:** Macunaíma. Mário de Andrade. Possessão preparada. Pensamenteação.

“Tenho uma fome pelo Norte, não imagina. (...). Mas sei surpreender o segredo das coisas mezinhas da minha terra. E minha terra é ainda o Brasil. Não sou bairrista.” É com esta declaração que Mário de Andrade, em carta a Câmara Cascudo no dia 26 de setembro de 1924, define sua curiosidade pelo Brasil. Da enorme correspondência que Mário de Andrade trocou com diversos amigos e intelectuais, as cartas trocadas com Câmara Cascudo, a quem de início ele ainda não conhecia pessoalmente, são as que mais traduzem e revelam o interesse do autor de Macunaíma pelas coisas do Brasil. A região Norte surgia como emblemática do desconhecido, posto que ele ainda não a conhecia e, das curiosidades que o consumiam, obras de arte, imagens de madeira, igrejas, autores e, principalmente, a língua brasileira. Do seu interesse pelo folclore e pela língua como elementos capazes de unir um país tão disperso geograficamente, Mário publica, em 1928, **Macunaíma**, influenciado pela

leitura de **Vom Roroima zum Orinoco**, do etnógrafo alemão Theodor Koch-Grünberg. Assim, este ensaio pretende refletir sobre como o interesse de Mário pela sua terra (conforme sua correspondência demonstra) desemboca numa intensa atividade de “pensamenteação” cujo resultado revela os inúmeros Brasis que vão do “fundo do mato virgem” a São Paulo e vice-versa. (Abro um parênteses aqui para destacar que esse ato de “pensamentear” é como Mário qualifica as cartas trocadas com o poeta Bandeira e que permitem, entre os dois intelectuais, a ampliação e o enriquecimento cultural de cada um deles, colaborando de forma contundente no fazer poético. (MORAES, 2001,p. 681)).

Em ‘Literatura de Fundación’, ensaio escrito em 1961, Octavio Paz (1972) afirma que a América começou por ser uma ideia e, sob essa perspectiva, nossa literatura teria começado por ser uma ideia europeia muito antes de ter uma existência própria. Ao pensar, como Paz, na existência de um imaginário europeu sobre a Amazônia muito antes de sua descoberta, partimos do princípio de que é principalmente por meio de imagens, narrativas e relatos que o imaginário de um lugar é expresso. Esses elementos fornecem a compreensão de como são criadas e difundidas diferentes versões identitárias, bem como se perpetuam estereótipos e imagens definidoras da “autenticidade” dos lugares visitados.

É no primeiro relato do seu primeiro dia de sua primeira longa viagem que o Mário, que “não foi feito para viajar, ora bolas!”, confessa que sua imaginação acerca da Amazônia também foi contaminada pelo relato de viajantes:

7 de maio de 1927. São Paulo. Partida de São Paulo. Comprei pra viagem uma bengala enorme, de cana-da-índia, ora que tolice! Deve ter sido algum receio vago de índio... Sei bem que esta viagem que vamos fazer não tem nada de aventura nem perigo, mas cada um de nós, além da consciência lógica possui uma consciência poética também. As reminiscências de leitura me impulsionaram mais que a verdade, tribos selvagens, jacarés e formigões. E a minha alminha santa imaginou: canhão, revólver, bengala, canivete. E opinou pela bengala. (ANDRADE, 2015, p. 50)

Ao escrever “Dois poemas acreanos” em 1925 (serão publicados apenas em 1927, em **Clã do Jabuti**), Minas Gerais havia sido o destino mais afastado de São Paulo para o qual Mário de Andrade tinha viajado. Nos versos do poema II, “Acalanto do seringueiro”, seu desabafo:

[...]  
Como será a escuridão  
Desse mato-virgem do Acre?  
Como serão os aromas  
A macieira ou a aspereza  
Desse chão que é também meu?  
Que miséria! Eu não escuto  
A nota do uirapuru!...

Tenho de ver por tabela,  
Sentir pelo que me contam,  
Você, seringueiro do Acre,  
Brasileiro que nem eu.  
Na escuridão da floresta  
Seringueiro, dorme. (ANDRADE, 1993)

Com sua declarada “fome pelo Norte”, é somente em maio de 1927 que ele embarca (numa viagem que dura até agosto do mesmo ano) com destino a uma região até então conhecida apenas de relatos e do “ouvir falar”. Em sua primeira viagem para além do sul e sudeste, de maio a agosto de 1927, rumou “pelo Amazonas até o Peru, pelo Madeira até a Bolívia, por Marajó até dizer chega”, segundo descrição do Mário viajante. A segunda viagem durou de novembro de 1928 a fevereiro de 1929. É assim que **Macunaíma**, já em sua segunda versão de escrita à época da primeira viagem, segue na bagagem de seu “pensanteador” rumo à Amazônia onde nasceu, nos mitos narrados pelos indígenas e registrados pelo etnógrafo alemão Theodor Koch-Grünberg na obra **Vom Roroima zum Orinoco**.

O “ver por tabela” e “sentir pelo que contam”, exercícios praticados por Mário para entender a priori um Brasil tão disperso geograficamente, dilui-se em contato com a realidade e, para além de reforçar e afirmar imagens e cenários já manipulados sob a égide do exótico, ele desfaz a separação territorial em **Macunaíma**, já que insistir no regionalismo seria dar ênfase às diferenciações e ao exótico, o que seria danoso e “desintegrante da ideia de nação e sobre este ponto muito prejudicial pro Brasil já tão separado”, como afirma em carta a Câmara Cascudo datada de 6 de setembro de 1925. É também para Cascudo que, em carta de 01 de março de 1927, ele confessa seu medo de “ficar regionalista” ou de se “exotizar pro resto do Brasil”. (MORAES, 2010).

Essa confissão do seu interesse pelo Brasil é retomada também no ensaio oriundo da palestra em comemoração aos 20 anos da Semana de Arte Moderna, ‘O movimento modernista’, de 1942, que passou a integrar o volume **Aspectos da literatura brasileira** (1965?, p. 252): “Não tenho a mínima reserva em afirmar que toda a minha obra representa uma dedicação feliz a problemas do meu tempo e minha terra”. Acerca dessa conferência, o professor José Luís Jobim defende que, 20 anos depois, sem o fervor entusiasmado da juventude, Mário avalia o movimento e seus mecanismos de trocas e transferências literárias e culturais. Segundo Jobim (2012, p. 22), Mário “considera que houve, sim, uma importação europeia, mas que essa importação depois passou pelo filtro dos interesses dos modernistas

paulistas e do trabalho que estes já vinham desenvolvendo em relação ao regionalismo e à arte nacional”.

A preocupação com esses problemas incide, entre outros debates, na fervorosa negação do regionalismo que Mário faz e que, segundo a professora Telê Ancona Lopez,

A negação do regionalismo existe, entretanto, em função de elementos bem definidos da realidade brasileira, que são apresentados no romance com toda a fidelidade e relevo que a sátira é capaz: o atraso mental e material do país. Nutre-se do regional, mas quebra o regionalismo porque desloca e critica. (LOPEZ, 1974, p. 160).

Ao entender *Macunaíma* não como “expressão”, mas como “sintoma” da cultura brasileira (como justifica no 2º prefácio inédito que escreve para o livro), Mário o destitui de um caráter, tornando-o plural, uma espécie de palimpsesto, no sentido de que as diferenças agregam. Essas diferenças, percebidas *in loco*, adquirem materialidade em suas duas viagens ao norte e nordeste, cujas notas publicadas em jornais e revistas com as impressões e relatos da viagem são trazidas à luz em conjunto 31 anos depois da morte do escritor, no livro **O turista aprendiz** (1976), organizado pela professora e pesquisadora Telê Ancona Lopez, do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. É a Amazônia que Mário encontra em 1927, durante o engendramento e “possessão preparada” de seu **Macunaíma** ainda na mala, que lhe vale como ponto mais representativo das potencialidades de um Brasil projetado.

Essa projeção intencionada é revelada para Henriqueta Lisboa, em carta datada de 30 de janeiro de 1942, para quem ele escreveu:

I – O *Macunaíma* e quase a infinita maioria dos meus poemas “dirigidos” foram escritos em estado de *possessão preparada*. Como assunto, a própria Pauliceia, mas sem saber que estava preparando. Depois principiei fazendo isso voluntariamente. Quero dizer: eu provoco o estado de poesia. [...]. Mas aos poucos, passadas certas ebulições entusiásticas do ser, sistematizadas elas em princípios de minha orientação artística, fui tomando o costume de provocar a saída, a nascente, a criação dum poema sobre um assunto, um tema estabelecido preliminarmente. (SOUZA, 2010, p. 187)

É o estatuto da “*possessão voluntária*”, defendido por Mário, que aponta para todo o processo de construção da rapsódia *marioandradiana*, desde o insight provocado pela leitura de Koch-Grünberg, passando pelas pesquisas da cultura e folclore brasileiros e interlocuções epistolares, até sua primeira longa viagem. Seja como for, a “viagem” é o fio condutor em *Macunaíma*, cujas andanças, provocadas pela perda da *muiraquitã*, constituem o eixo narrativo da obra, e são responsáveis por fazer o herói transitar do mato-virgem, a selva onde nasceu, para São Paulo, a selva de pedra, para depois retornar ao ponto de partida.

É no Rio Araguaia que a grande transformação acontece: de “preto retinto e filho do medo da noite”, Macunaíma transforma-se em um príncipe branco, loiro, de olhos azuis. Essa metamorfose de criança feia a príncipe encantado (característica dos contos europeus), segundo Gilda de Mello e Souza (1979, p. 281), é a forma que Mário encontra de trazer à tona a discussão em torno da nossa “flutuação cultural”, revelando que, diante do modelo ocidental, falta-nos capacidade de reagir de maneira autônoma e afirmamo-nos categoricamente.

“Não sou ainda suficientemente brasileiro. Mas às vezes me pergunto se vale a pena sê-lo. [...] O Brasil não tem atmosfera mental; não tem literatura; não tem arte; tem apenas uns políticos muito vagabundos e razoavelmente imbecis e velhacos” (ANDRADE, 1982). É com este desabafo que Carlos Drummond de Andrade se define para Mário, em carta datada de 22 de novembro de 1924. A resposta que o escritor paulista dá ao amigo poeta mineiro é que é preciso “abrasileirar o Brasil”.

É a esse trabalho de abrasileiramento, de “pensamentear”, que Mário se lança, e, embora as ideias de sentir e pensar o Brasil nem sempre tenham caminhado lado a lado, o autor de Macunaíma busca comprovar que a imaginação, unida ao pensamento e à criação artística, são capazes de amenizar a “moléstia de Nabuco” (como ele respondeu ao jovem poeta Drummond), cujo mal provoca a separação entre sentimento e imaginação intelectual dos brasileiros.

O estado da consciência crítica desse fato é provocado em Mário quando da leitura, em 1926, do segundo volume da obra de Koch-Grünberg, principalmente o segundo tomo, que trata dos “Mitos e lendas dos índios Taulipang e Arecuná”. resultante de seu interesse pelas coisas do Brasil. resultante de uma expedição pelo Brasil e pela Venezuela realizada entre 1911 e 1913. No prefácio da primeira edição, escrito em 19 de dezembro de 1926, declarou: “O brasileiro não tem caráter porque não possui nem civilização própria nem consciência tradicional. [...] Pois quando matutava nessas coisas topei com Macunaíma no alemão de Koch-Grünberg. E Macunaíma é um herói surpreendentemente sem caráter. (Gozei)” (LOPEZ, 1974, p. 88).

Esse é, portanto, o material “pensamenteado” por Mário, durante a “possessão preparada” de seu Macunaíma. Esse material, conforme Manuel Cavalcanti Proença, em **Roteiro de Macunaíma,**

é de origem européia, ameríndia e negra, pois que Macunaíma, que nasce índio-negro, fica depois de olhos azuis quando chega ao planalto, enquanto os irmãos do mesmo sangue, um fica índio e outro negro. E continuam irmãos. Macunaíma entretanto não adquire alma europeia. É branco só na

pele e nos hábitos. A alma é uma mistura de tudo. (PROENÇA, 1987, p. 27).

Proença defende o ponto de vista que sugere a noção de uma sociedade brasileira nascida de um intenso processo de caldeamento cultural, conforme atestam as múltiplas e variadas diferenciações identificáveis nas diversas regiões do Brasil. Sob essa perspectiva, a mistura de raças (com todo o cuidado que essa palavra merece), constituidoras do tripé cultural brasileiro (índio, branco e negro), seria a nossa marca distintiva em relação à Europa, fato do qual poderíamos nos orgulhar, conforme Antônio Cândido (em **Literatura e Sociedade**, 2006). E é esse Brasil orgulhosamente mestiço que Mário dilui em Macunaíma e cujo caminho tem início nos “matos do Norte”, com o nascimento de uma criança feia, parida por uma índia tapanhumas.

### Referências

- ANDRADE, Mário de. **A lição do amigo**. Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade anotadas pelo destinatário. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.
- ANDRADE, Mário de. Clan do Jabutí. In.: **Poesias Completas**. Belo Horizonte: Vila Rica, 1993. p. 161-206.
- ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**, o herói sem nenhum caráter. São Paulo: [Oficinas Gráficas de Eugenio Cupolo], 1928.
- ANDRADE, Mário de. O movimento modernista. In: **Aspectos da Literatura Brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 1963. p. 231-255.
- ANDRADE, Mário de. **O turista aprendiz**. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Telê Ancona Lopez, Tatiana Longo Figueiredo; Leandro Raniero Fernandes, colaborador. Brasília, DF : Iphan, 2015.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- JOBIM, José Luís. O movimento modernista como memórias de Mário de Andrade. **Revista IEB**, São Paulo, n. 55, p. 13-26, 2012.
- LOPEZ, Telê Porto Ancona. **Macunaíma**, a Margem e o Texto. São Paulo: HUCITEC, Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo, 1974.
- MORAES, Marcos Antonio de (Org.). **Câmara Cascudo e Mário de Andrade**: cartas 1924-1944. São Paulo: Global, 2010.

MORAES, Marcos Antonio de (Org.). **Correspondência. Mário de Andrade & Manuel Bandeira**. 2. ed. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, 2001. Coleção Correspondência de Mário de Andrade, vol. 1.

PAZ, Otávio. Literatura de fundación. In: **Puertas al campo**. 2. ed. Barcelona, Seix Barral, 1972.

PROENÇA, M. Cavalcanti. **Roteiro de Macunaíma**. São Paulo: Anhembi. 1987.

SOUZA, Eneida Maria de (Org.). **Correspondência. Mário de Andrade & Henriqueta Lisboa**. São Paulo: Petrópolis; Edusp, 2010. Coleção Correspondência de Mário de Andrade, 3.

SOUZA, Gilda Mello e. **O tupi e o alaúde: uma interpretação de Macunaíma**. São Paulo: Duas Cidades, 2003.